

A UNIVERSIDADE E O CURRÍCULO: possibilidades de redimensionar o fazer-pedagógico

Ernâni Lampert

Doutor em Educação e Pós-doutorado em Avaliação Institucional (Universidade Pontifícia de Salamanca). Professor Associado do Instituto de Ciências Humanas e Informação da Universidade Federal do Rio Grande. Especialista em Avaliação de Curso e Institucional do INEP/MEC.
E-mail: erncas@bol.com.br

Resumo

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “Transformar a Universidade na América Latina”, em que o autor mostra a necessidade urgente de se recriar administrativa e pedagogicamente a universidade dentro do atual contexto político, econômico, social, tecnológico e cultural. Analisam-se aspectos do currículo, propondo-se redimensionar o fazer-pedagógico. Numa primeira instância e de forma sinóptica, situa-se a problemática. Na segunda parte propõe-se, em vez da fragmentação de conteúdos, uma abordagem interdisciplinar; o ensino com pesquisa como proposta metodológica; o uso da Internet e do ensino virtual; a criação de redes de cooperação transnacional e a educação permanente como ferramentas e perspectivas para dinamizar o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Universidade. Currículo. Ensino com Pesquisa. Educação Virtual. Educação Permanente.

THE UNIVERSITY AND THE CURRICULUM: possibilities to resize the pedagogical acts

Abstract

The work is a clipping of the research project “Transforming the University in Latin America, where the author demonstrates the urgent need to rebuild the University in its pedagogical and administrative aspects, within the current political, economic, social, technological and cultural context. It examines aspects of the curriculum, proposing to make the resize of the pedagogical acts. In a first instance and synoptically, the problem is pointed out. In the second part, instead of the fragmentation of content, it proposes an interdisciplinary approach; teaching with research as a methodological proposal; the use of the Internet and virtual learning; the creation of transnational networks and continuing education as tools and perspectives to boost the teaching-learning process.

Keywords: University. Curriculum. Teaching with Research. Virtual Education. Continuing Education .

Situando a Problemática

Muito se tem discorrido sobre a temática Educação Superior. Do surgimento da primeira universidade no mundo ocidental, em 1088, à contemporaneidade, a problemática tem intrigado diferentes segmentos sociais, além da academia. A partir dos anos 1980, com as fortes restrições econômicas impostas pela política neoliberal em praticamente todos os países do mundo ocidental, a questão da reestruturação da universidade veio à tona e tem ocupado espaço nos periódicos especializados, na academia, na tribuna dos políticos e na imprensa em geral. No século XXI é um tema desafiador, que merece uma análise acurada do governo, da sociedade civil organizada e principalmente da academia.

Na sociedade hodierna, a universidade, como as demais instituições religiosas, econômicas, financeiras, culturais, educacionais, políticas e sociais, está passando por uma variada gama de transformações. Se, de um ângulo, a educação superior é indispensável ao desenvolvimento econômico, político, social, cultural, educacional e à manutenção do *status quo*, por outro prisma, com algumas exceções, a universidade não consegue mais atender às demandas, às exigências, às expectativas, às necessidades de uma sociedade cambiante, cada vez mais exigente, competitiva, individualista, pragmática e consumista, que é a sociedade pós-moderna. Por sua vez, os discentes oriundos de diferentes classes sociais, com peculiaridades variadas, com experiências e estilos de vida diferenciados, em que a heterogeneidade predomina, buscam um diploma. A propósito do assunto, assim se expressa López Segrera:

Estamos asistiendo a la crisis de la universidad no sólo en los aspectos de la gestión, financiamiento, evaluación y currículo, sino que es la propia concepción de la universidad la que debemos adecuar a un entorno que, por otra parte, muestra cambios radicales de las identidades y supuestos básicos.... El desafío consiste en construir una nueva universidad – en reinventarla – en este clima de incertidumbre, evitando la victoria de la anomia y el pesimismo (2006, p. 63).

De acordo com Mora (2006), a mudança de contexto para a educação superior (sociedade global, sociedade do conhecimento e universalidade) exige a realização de reformas no sistema educativo para responder aos novos desafios. Os câmbios devem ser de dois tipos: intrínsecos (modelo pedagógico) e extrínsecos (modelo organizacional). A ideia de câmbio intrínseco pode ser sintetizada na necessidade de mudar o paradigma educacional, partindo-se de um modelo baseado quase que exclusivamente no conhecimento, para outro, fundamentado na formação integral dos indivíduos. É indispensável que os sistemas de

educação superior dediquem especial atenção para o desenvolvimento das habilidades:

(...) saber ler, saber falar e escrever, saber pensar e saber continuar aprendendo, aprender a relacionar-se e entender o mundo do trabalho, além de desenvolver os conhecimentos de caráter prático que facilitem a aplicação dos conhecimentos teóricos (MORA, 2006, p. 140).

A mudança extrínseca, segundo Mora (2006), refere-se ao modelo organizacional das instituições de educação superior, que deve estar orientado para o aumento de flexibilidade do sistema em um sentido temporal (facilitando a educação ao longo de toda a vida) e operativo (facilitando a passagem do sistema educativo ao mercado de trabalho e entre programas dentro do sistema educativo). Em síntese, a mudança resume-se a abrir as portas à sociedade e escutar o que ela necessita das universidades.

Redimensionamento do Currículo: algumas possibilidades

Em relação ao currículo, foco principal deste estudo, a universidade tradicional tinha a preocupação basicamente com a formação de profissionais para o mercado de trabalho. Hoje a universidade deve se preocupar principalmente com a produção de conhecimentos e com a investigação científica e tecnológica, sem esquecer-se da formação humanística. Os métodos arcaicos de ensino devem ser substituídos por um novo espírito epistemológico, que considera a complexidade dos fenômenos como condição indispensável à compreensão da realidade, à construção e reconstrução do conhecimento. “Refletir sobre o conhecimento requer o exercício da transdisciplinaridade, encontros entre temas, áreas, problemas. Escapar do linear em direção ao transversal e às redes. Alargar fronteiras disciplinares, construir cenários e pensar utopias” (BAUMGARTEN, 2007, p. 5).

Nessa linha de raciocínio, Dupont e Ossandon (1998) assinalam que a universidade parece ocultar a complexidade do sujeito que aprende e a complexidade da sociedade que evolui ao ritmo de paradigmas múltiplos e complementares: “Por falta de uma verdadeira modificação das práticas pedagógicas e de uma tentativa de aproximação sistêmica dos problemas, a universidade corre o risco de se cristalizar e (...) de cristalizar” (p. 22).

A multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são algumas formas como as disciplinas tradicionais e estanques podem ser trabalhadas, assumindo, desse modo, uma abordagem diferente da fragmentada e acrítica, comumente usada nos currículos da educação superior. Diferentes estudiosos como Fazenda (1994), Doll Jr (1997), Santomé

(1998), Dutra (2000), Lück (2000) e Demo (2004) apontam a interdisciplinaridade como saída viável para reedificar uma educação de qualidade, galgada em valores éticos e morais.

De acordo com Lampert (2005b), a interdisciplinaridade é uma perspectiva para a superação do caos educacional, pois descortina o ensino memorístico, fragmentado, especializado, com visão restrita e limitada da realidade. Possibilita um novo olhar para o entendimento e a compreensão da realidade circundante no que concerne à política, à economia, à educação, à cultura, ao relacionamento homem/homem, à relação do homem com o ambiente. Será uma porta aberta para criticar o capitalismo selvagem imposto pelo imperialismo, em detrimento do bem-estar social. Ajudará a entender por que o físico, a beleza, a praticidade, o lucro, o imediatismo, o consumismo, a publicidade, o lazer, a tecnologia, a superficialidade e a informática são tão bem aceitos na sociedade pós-moderna. A interdisciplinaridade é uma perspectiva de tornar a sociedade, cuja economia é globalizada, mais humana, crítica, responsável, colaborativa, idealizada e ancorada em valores morais e éticos.

Maciel (2007), ao analisar as perdas e ganhos da interdisciplinaridade, assinala que a fragmentação do conhecimento impede a solução de problemas tanto teóricos como práticos ou estratégicos. A fragmentação só produzirá pequenas fatias de um conhecimento parcelado daquilo que queremos ou precisamos conhecer. A interdisciplinaridade não é um modismo, mas uma necessidade para promover avanços na compreensão. À luz de Piaget, a autora afirma que convém às disciplinas ser abordadas em um nível de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Na multidisciplinaridade recorre-se a informações de várias matérias para estudar um determinado objeto, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si... Na interdisciplinaridade, estabelecemos uma interação entre duas ou mais disciplinas... Na transdisciplinaridade, a cooperação entre as várias matérias é tanta que não dá mais para separá-las: acaba surgindo uma nova “macrodisciplina” (MACIEL, 2007, p. 144-5).

A partir do exposto, vale frisar que cabe à universidade dar dinamicidade ao fazer-pedagógico cotidiano, no qual docente/discente, em um processo dialético, interagem no sentido de construir e/ou reconstruir o conhecimento. Dessa forma, a abordagem multidisciplinar, interdisciplinar e a transdisciplinar são caminhos que o professor universitário ousado deve utilizar para que o aluno possa, a partir de diferentes prismas, analisar fatos, fenômenos, problemas, conteúdos e situações corriqueiras e conseqüentemente se tornar um sujeito analítico/crítico capaz de resolver problemas e transformar a realidade

circundante, condição indispensável para a melhoria da sociedade contemporânea.

Além da abordagem interdisciplinar, o ensino com pesquisa é outra opção metodológica que o professor poderá utilizar para redimensionar o processo de ensino sob uma ótica diferente, capaz de envolver professor e aluno como sujeitos do processo e não meramente objetos.

A pesquisa em sala de aula pode ser compreendida como um movimento dialético, em espiral, que se inicia com o questionar dos estados do ser, fazer e conhecer dos participantes, construindo-se a partir disso novos argumentos que possibilitam atingir novos patamares desse ser, fazer e conhecer, estágios esses estão comunicados a todos os participantes do processo (MORAES et al., 2002, p. 11).

Diferentes autores como Latorre e Gonzáles (1992); Demo (1994); Zan (1992); Moraes, (2002); Lima (2004), Behrens (2005) e Lampert (2008) salientam a importância da escolha da pesquisa como metodologia de trabalho. Para Freire,

(...) não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (1996, p. 32).

O ensino com pesquisa é um procedimento metodológico que poderá ser adotado pelos professores da educação superior e ajudará de forma significativa na melhoria da qualidade de ensino. Mesmo que essa modalidade de ensino tenha surgido na década de 60 do século XX no Reino Unido, para muitos dos docentes brasileiros constitui-se em uma inovação no processo educacional. Para Bernal Guerrero e Velásquez Clavido, “la investigación en el aula es, sin duda, una clave del desarrollo científico de la enseñanza” (1989, p. 38).

Segundo Nisbet (1982), ela desperta a agudeza e a reflexão, resolve problemas, estimula o debate, o intercâmbio de opiniões, aprofunda o entendimento e promove a flexibilidade e a adaptação. Por sua vez, Behrens assinala que “a metodologia do ensino com pesquisa assenta-se na busca do conhecimento pelos alunos e pelos professores, com autonomia, com criticidade e com criatividade. A indissociabilidade do ensino e da pesquisa gera um redimensionamento na prática pedagógica” (2005, p. 84). Nessa direção, Freire argumenta que:

(...) toda a docência implica pesquisa e toda pesquisa verdadeira implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, curiosidade, criatividade, assim como não há pesquisa

cujo andamento necessariamente não se aprenda porque se conhece e não se ensine porque se conhece e não se ensine porque se aprende (1992, p. 192).

A metodologia do ensino com pesquisa pode criar um ambiente inovador e participativo em relação à construção de conhecimentos, através da utilização de diferentes fontes. É uma possibilidade de propiciar um ensino de qualidade, procurando formar cidadãos do mundo, capazes de atuar com segurança, em parceria e em regime de cooperação, numa sociedade na qual as contradições e inseguranças são acentuadas e presentes no cotidiano. Por outro lado, é necessário que o docente e os discentes estejam preparados e tenham maturidade para encarar essa modalidade de trabalho, que tem início bem definido, mas um desenvolvimento e fim não necessariamente previsíveis.

A Galáxia da Internet, ambiente de comunicação livre e global, que se constitui em instrumento tecnológico de regulamentação e de controle da dinâmica do mercado, pode ser utilizada na educação. A Internet afetou e está afetando diferentes áreas do saber humano e redimensionou a cultura. Para Sacristán (2002, p. 70), “o que afeta a cultura, em geral, afeta a educação, pela simples razão de que os fenômenos educacionais são também de inculturação. Por isso, acabam afetando a todos os sujeitos”.

No campo educacional, a Internet surge como poderosa ferramenta para aprender/ensinar e estabelecer canais de comunicação e cooperação entre estudantes de diferentes instituições escolares. “Sua utilização apresenta novas perspectivas de acesso e construção colaborativa do conhecimento, potencializando o processo ensino-aprendizagem e a construção de novos conhecimentos” (TEIXEIRA, 2002, p. 80).

Segundo Moran (1998), na Internet encontram-se diferentes aplicações educacionais: a divulgação de projetos e de pesquisas, a pesquisa propriamente dita e atividades de apoio (textos, imagens, sons). O autor assevera que:

(...) ensinar com a Internet será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas educacionais, se ensinar e aprender se tornar um processo mais participativo, compartilhado, que nos ajude a integrar todas as dimensões da vida e a compreendê-las em níveis mais profundos (p. 245).

Portanto, a Internet é um poderoso veículo de comunicação e instrumento pedagógico de que o professor universitário poderá lançar mão para incentivar os alunos e reencaminhar o processo ensino/aprendizagem, tornando-o mais dinâmico, atrativo e por que não dizer sedutor. O uso adequado dessa ferramenta será condição para melhorar a qualidade do ensino e adequá-lo à realidade.

O ensino virtual, comumente denominado de educação à distância, que está aflorando de forma assustadora, é outra proposta pedagógica de que o professor universitário poderá lançar mão. Conforme dados divulgados por Zero Hora (2008), entre 2004 e 2007 o ensino à distância cresceu 213% no Brasil, com o número de matriculados passando de 309.957 para 972.826, sendo essas vagas oferecidas por 257 instituições públicas e privadas. Dos 1.181 cursos online, 438 são de graduação, 404 de pós-graduação, e o restante refere-se a outras modalidades de ensino (básica, EJA, técnica). Cabe frisar que os estudantes do ensino virtual mostraram bom desempenho, obtendo melhores resultados do que os alunos do ensino presencial, em sete das 13 áreas avaliadas no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

O ensino à distância, que perpassou distintos períodos históricos e está galgando posição de destaque na sociedade hodierna graças às novas tecnologias da informática, certamente será o sistema de ensino do século XXI tanto nos países desenvolvidos quanto nos emergentes. Os elevados déficits públicos em praticamente todos os países requerem cortes nos investimentos e redução nas despesas, o que implica redução de pessoal e de material, enquanto a população, principalmente nos países emergentes, continua crescendo. O ensino à distância, que apresenta vantagens e desvantagens, é apontado como uma via capaz de atender a uma demanda cada vez mais crescente da população à procura de educação básica, superior, profissional e de cursos de atualização, pois se estima que em 2020 o conhecimento será duplicado a cada três meses.

Posto isso, o ensino virtual, que se apoia em uma diversidade de recursos (CD, Internet, formatos digitais, multimídia, servidores, buscadores de informação, etc.), é uma possibilidade de expansão da educação superior, dando acesso a estudantes, reduzindo custos e, se bem encaminhado, melhorando a qualidade de ensino. Essa perspectiva educacional poderá ser utilizada como complemento ao ensino presencial ou como forma predominante de ensino. É uma possibilidade de democratizar o ensino em seus diferentes níveis. O importante nessa modalidade é observar como será realizado o processo avaliativo da aprendizagem do educando, que é um dos pontos cruciais nesta perspectiva de ensino.

Vive-se em uma sociedade que supervaloriza o conhecimento, principalmente a geração de novos conhecimentos. Dessa forma, a universidade, como uma das principais produtoras dessa matéria-prima, deve através da nacionalização e internacionalização da pesquisa – pois cada vez mais depende de fontes de financiamento externo – criar redes de cooperação transnacional para avançar na construção e reconstrução dos conhecimentos básicos e aplicáveis, evitando a especialização demasiada e sempre tendo como referencial a

ética. Sabe-se que a inovação, produto da investigação, é uma das formas de competição, de modo a melhorar as condições de vida da população e das futuras gerações e auxiliar na qualidade de vida no planeta. Portanto, a universidade, como arquétipo, deve ter a investigação como missão norteadora.

A universidade, além da preocupação com o currículo formal, deve oferecer educação continuada/permanente. Segundo Lampert (2005a), a expansão demográfica, a evolução dos conhecimentos científicos e de tecnologia, os desafios políticos, as inovações geradas em diferentes áreas do saber humano, as crises ideológicas, o tempo livre, a crise dos modelos de vida e das relações interpessoais, as necessidades econômicas, políticas e pessoais dos indivíduos, a educação em uma sociedade em mutação e as deficiências e insuficiências dos próprios sistemas educativos existentes são desafios. Alguns inerentes à condição humana, outros próprios do momento histórico em que vivemos, que contribuíram e/ou atribuíram importância à educação permanente.

A educação permanente é a educação durante toda a vida, para todos os homens. É uma educação sem limites e sem fronteiras. É a maneira de se preocupar com a formação total pela autodeterminação. É o processo de aquisição e de ampliação do conhecimento, de domínio da tecnologia, de desenvolvimento do senso crítico, de descoberta e (re)descoberta de valores e de relacionamento com o mundo. É ser sujeito de construção de sua própria história, de abrir caminhos numa sociedade mutante e sem muitas perspectivas. É aproveitar-se de todas as oportunidades para crescer, valorizar-se como pessoa e afirmar-se como cidadão. Enfim, é o cerne do próprio processo educativo.

A educação permanente deve ser vista como um conjunto de procedimentos organizativos/administrativos, pedagógicos e legais, que objetivam recriar o processo educativo no sentido de a pessoa aprender continuamente. Desse modo, todas as formas deliberativas e organizativas de aperfeiçoamento profissional/pessoal, mediante seminários, conferências, palestras, encontros, grupos de estudo e de convivência, oficinas, leituras, cursos presenciais e à distância colaboram nesse sentido, porque é necessário que a pessoa esteja em constante busca de atualização. Cabe mencionar que a educação permanente deverá ter um dever social, sem intoxicar com uma formação puramente técnica e científica, sendo capaz de dar ao sujeito a possibilidade de interrogar-se continuamente tanto na dimensão pessoal quanto profissional.

Dessa forma, uma das missões da universidade é preparar o homem para que possa viver harmonicamente em um processo produtivo cambiante, cujas fronteiras não serão as de um país, senão as do mundo. Assim, há a necessidade de investir em projetos e pesquisas na

educação permanente, porque a sociedade é dinâmica e o homem necessita adaptar-se às novas maneiras de pensar, sentir e atuar, sem contudo perder sua essência. A universidade, especialmente a pública, patrimônio da humanidade, terá um papel decisivo tanto no que concerne à formação quanto no que se refere à atualização de recursos humanos.

Algumas Considerações a Título de Reflexão

A universidade, para retomar seu *status* e manter-se viva com utilidade social, científico-tecnológica, de produção e disseminação do conhecimento, deve manter uma estrutura administrativa e pedagógica flexível, em que a consulta e a participação coletiva sejam uma premissa. A autonomia é indispensável para que a universidade consiga atender às demandas de uma sociedade mutante, e a inovação em todas as dimensões deve partir da universidade e não dos governos.

A atuação universitária necessita conciliar a cultura dos jovens com os seus objetivos primordiais, lembrando que não é o único espaço de difusão cultural. Para tal, necessita ter um currículo dinâmico, flexível, que permita as abordagens interdisciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares, a contextualização e a problematização dos conteúdos para a formação de sujeitos críticos, preocupados com a humanização do homem e com a sustentabilidade do meio ambiente. A universidade deve, em sua metodologia de ensino, utilizar o ensino com pesquisa, a Internet, o ensino à distância e utilizar os aportes tecnológicos de última geração para preparar o homem a conviver harmonicamente com seus semelhantes, com os diferentes, com a natureza e todo o cosmo. A universidade deve preparar o cidadão para viver em uma aldeia planetária, transformar-se em cidadão do mundo, viver na mundialização da cultura, sem, entretanto, perder e renunciar às suas raízes culturais.

É oportuno que a universidade tenha presente a criação de redes de cooperação internacional tanto no que concerne ao ensino como à pesquisa e à extensão; possibilite a mobilidade acadêmica dos docentes e discentes em instituições nacionais e internacionais; ofereça diversificação de cursos; incremente os programas de pós-graduação e dê ênfase a projetos interdisciplinares. O processo de globalização exige cada vez mais elevado nível de educação e, ao mesmo tempo, uma educação continuada, ou seja, exige uma força de trabalho mais preparada para produzir recursos tecnológicos sofisticados e exige manejo das novas tecnologias. Dessa forma cabe à universidade preparar os recursos que o mercado demanda, porém sem esquecer a formação humanística que é indispensável na sociedade pós-moderna.

A universidade deve estar a serviço da sociedade que lhe confere legitimidade e

credibilidade. Utilizando-se de um plano político-pedagógico estratégico acurado, deve encaminhar, de forma concreta, projetos e atividades com abordagem interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar para solucionar ou amenizar os gritantes problemas que afligem a sociedade (violência, pobreza material e espiritual, fome, enfermidades, intolerância, imediatismo, competição, exclusão social, analfabetismo, deteriorização do meio ambiente, contaminação do ar, das águas, do solo). A universidade somente recuperará o seu *status* de outrora se realmente estiver a trabalho da sociedade e prestando um bom serviço, ajudando, através de ações práticas, a reintegrar os excluídos na força do trabalho, recuperando sua dignidade, sua força de vontade, e a encarar a realidade com o intuito de transformá-la para uma sociedade mais justa, igualitária, menos agressiva, violenta e mais humanitária. Além disso, cabe à universidade engendrar novos paradigmas para criar uma sociedade voltada à paz, à solidariedade, em que esteja excluída toda forma de exploração e de discriminação. Deve promover a cultura da paz e a perspectiva de aprender a viver com os diferentes e uns com os outros de forma pacífica e civilizada. A universidade, além do ensino e da investigação, deve ter uma responsabilidade social, não assistencialista. Ela deve ouvir a comunidade e, na medida do possível, atendê-la. Este deverá ser o diferencial de se repensar o currículo da universidade.

Por fim, cabe à universidade contribuir para o desenvolvimento sustentável e melhorar as condições de vida da sociedade como um todo. Através de suas funções básicas, deve buscar um equilíbrio entre a ciência x tecnologia, inovação x conservadorismo, formação técnica x humanismo, formação profissional x educação permanente; conhecimento científico x cultura popular, economia x ecologia, medicina x terapias alternativas, globalização x localidade, indivíduo x sociedade, pesquisa x ensino, graduação x pós-graduação, qualidade x quantidade, desenvolvimento x sustentabilidade, tendo sempre presente que somente através de formação humanizada ter-se-á um homem humano, condição para redimensionar a sociedade.

Referências

BAUMGARTEN, Maíra. Série Cenários do Conhecimento. In: Ingrid (org). **Ciência, política e sociedade**: as ciências sociais na América do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2007, p. 5-6.

BEHRENS, Maria Aparecida **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BERNAL GUERRERO, Antonio; VELÁZQUEZ CLAVIJO, Miguel. **Técnicas de investigación educativa**. Sevilla: Alfar, 1989.

DEMO, Pedro Pesquisa como metodologia de trabalho. **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 23, n. 90, p. 13-19, jan. / mar. 1994.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DOLL JR. Willian. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DUPONT, Pol.; OSSANDON, Marcelo. **A pedagogia universitária**. Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1998.

DUTRA, MaClaudio. Interdisciplinaridade: a construção de novos valores sociais na pós-modernidade, **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 16, p. 3341, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **A Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAMPERT, Ernâni. Educação permanente: limites e possibilidade no contexto da América Latina e Caribe, **Linhas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 177-194, jan. / jun. 2005 a.

LAMPERT, Ernâni. O ensino com pesquisa: realidade, desafios e perspectivas na universidade brasileira, **Linhas Críticas**, Brasília. V. 14, n. 26, jan. / jul. 2008.

LAMPERT, Ernâni. Pós-modernidade e educação. In: LAMPERT, Ernâni (org). **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

LATORRE, Antonio; GONZÁLEZ, Romona. **El maestro investigador: la investigación en el aula**. 2. ed. Barcelona: Grao, 1992.

LIMA, Valdez Marina do Rosário. A escolha da pesquisa como princípio educativo, **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 36, p. 151-169, jul. / dez. 2004.

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. Escenarios mundiales de la educación superior: análisis global y estudios de casos. IN: LÓPEZ SEGRERA, Francisco. **Escenarios mundiales de la educación superior: análisis global y estudios de casos**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006, p. 21-106.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 8. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

MACIEL, Lúcia Maria. Interdisciplinaridade: perdas e ganhos. In: SARTI, Ingrid (org). **Ciência, política e sociedade: as ciências sociais na América do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2007, p. 141-150.

MORA, José Ginés. O processo de modernização das universidades europeias: o desafio da sociedade do conhecimento e da globalização. IN: AUDY, Jorge. Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa. (orgs). **Inovação e empreendedorismo na universidade = Innovation and Entrepreneurialism in the University**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 116-152.

MORAES, Roque et al. Pesquisa em sala de aula. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina do Rosário (Orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 9-23.

MORAN, José Manuel. Comunicação e Internet para uma nova educação, **Comunicações e Informação**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 234-246, jul. / dez. 1998.

NISBET, Juan Investigación educativa: el momento actual. In: DOCKRELL, Walter; HAMILTON, David. **Nuevas reflexiones sobre investigación educativa**. Madrid: Narcea, 1982. p. 8-19.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOMÉ, Jurgio Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002.

ZAN, Andréia Cristina. Análise da prática pedagógica: a pesquisa em sala de aula, sua importância e seus tropeços – crônica extraída das vivências de um projeto. **Educação & Sociedade**, São Paulo, n. 43, p. 489-494, dez. 1992.

ZERO HORA. **Na era do canudo digital**. Porto Alegre, n. 15.581, 26 de setembro de 2008 – caderno especial, p. 4.

Recebido: Junho/2009
Aprovado: Setembro/2009